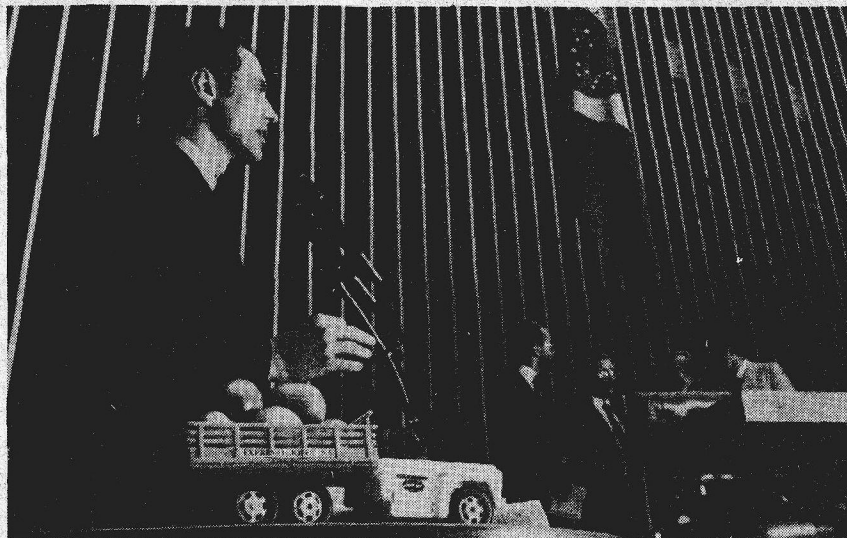


# Delfim analisa "terremoto econômico"

Durante cerca de uma hora e meia, o ministro Delfim Netto pronunciou ontem, na Câmara dos Deputados, um discurso em que analisou a situação da crise mundial, com reflexos diretos sobre o Brasil, a partir de 1973, quando ocorreu "o primeiro grande terremoto econômico".

Em 1974, disse Delfim, nós tivemos o primeiro grande problema econômico no mercado mundial, com o aumento nos preços do petróleo. Embora as exportações brasileiras tenham demonstrado um grande aumento, segundo ainda o Ministro do Planejamento, o equilíbrio existente até 1973 foi quebrado pelas importações do petróleo estrangeiro. "Depois de 10 anos de equilíbrio, quando se instaurou a crise do petróleo, houve uma comoção mundial, afirmou, resultando daí um desequilíbrio também brutal".

Delfim Netto refere-se, também, em decorrência dessa primeira crise, a uma segunda, que considera ter sido o aumento das taxas de juros. Disse que durante a primeira crise as taxas de juros permaneceram praticamente constantes, em torno do nível de 6,5 por cento ao ano mas, nos primeiros sintomas da segunda crise do petróleo, essas taxas começaram a se elevar, revelando, por outro lado, o risco dos próprios banqueiros, e, por outro, a compensação de que o processo de reciclagem dos déficits em contas correntes tinha um limite finito. Ainda que se expandisse o mercado do eurodólar, não era possível prosseguir na reciclagem indefinidamente e as taxas de juros passaram a repetir, também um aumento muito importante da inflação em todos os países. As taxas de juros nominais acompanharam esse movimento da inflação assinalada nos Estados Unidos e em diversos países da Europa, que variaram de 10 até 25 por cento.



Marcio Di Pietro

Suplicy usa um caminhão para debater a accidentalidade

A combinação desses dois efeitos, combinação de uma acumulação do déficit em contas correntes destinado a produzir os recursos para que a economia continuasse funcionando, somada a esta elevação da taxa de juros, produziu, realmente, um resultado desastroso para os países em vias de desenvolvimento, do qual nenhum deles se livrou até hoje, disse o Ministro.

Delfim afirmou que a contrapartida desse endividamento pode ser aceita, de um lado, como tendo nos ajudado a financiar alguns grandes projetos, como se fez desde 1975. Mas do outro lado, não é possível ignorar que realmente esses projetos empurraram para cima a dívida externa".

O Ministro do Planejamento afirmou que em 1981, vivíamos uma situação ainda relativamente razoável, com uma dívida de US\$ 54 bilhões, e uma reserva de US\$ 7,5 bilhões. "Estávamos navegando e já havíamos restabelecido o equilíbrio graças ao aumento nas exportações", disse.

Em 1982, finalmente, a situação alterou-se de forma dramática, primeiramente com a crise de pagamentos da Polónia, que produziu um desequilíbrio e um susto no sistema financeiro internacional, extremamente grandes. Depois, o problema das Malvinas, que o Ministro cita como tendo também desarticulado o comércio com



Delfim culpa a taxa de juros pelos problemas do País

os nossos principais parceiros latino-americanos. Foi uma situação extremamente difícil que os nossos parceiros enfrentaram, afirmou Delfim, acrescentando que ao lado disso, o México teve um problema financeiro um pouco antes da reunião do FMI, em Toronto, e a crise realmente se instaurou na reunião do Fundo, em setembro, quando os banqueiros, diante das dificuldades, acabaram reconhecendo que estávamos diante de uma crise financeira internacional de proporção insuspeitada".

Essa crise financeira, disse, veio juntar-se à crise de ajustamento físico que se estava produzindo: havia uma redução do volume produzido no mundo inteiro, havia uma elevação da taxa de inflação, havia o fenômeno da estagflação, mas ainda não se havia instaurado uma crise financeira.

Delfim Netto, em seguida, refere-se à redução nas exportações em todo o mundo mas, "ainda que tivéssemos sofrido o revés nas exportações, estávamos uma vez mais mantendo o equilíbrio da balança comercial com um superávit que não deixaria mais de crescer como está crescendo até agora".

Afirmou o Ministro que o processo de endividamento que garantiu as taxas de crescimento foi o mecanismo que garantiu internamente o desenvolvimento e o emprego, ainda que não tivesse podido garantir no nível que todos desejavamos".

No seu discurso, Delfim Netto afirmou que hoje, depois de muito tempo, o mundo começa a revelar uma pequena expansão, citando os Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Japão. Esse desenvolvimento, frisou, deverá produzir uma pequena recuperação nos preços das matérias-primas e nos produtos que exportamos, o que deverá nos ajudar".

Mas considera que o prolongamento da recessão nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, em 1981, 1982 e a continuação das políticas antiinflacionárias desses países, além de provocarem uma crise de liquidez internacional, mantiveram as taxas de juros em níveis excepcionalmente elevados.

Delfim refere-se à necessidade da ampliação das exportações e à redução nas importações, assim como à dívida externa, revelando que a estimativa é de que a dívida de médio e longo prazo deverá alcançar US\$ 78 bilhões 600 milhões em dezembro deste ano.

Diz também que a ocorrência do déficit de pagamentos em conta corrente implica, por definição, em desequilíbrio interno entre demanda e oferta global, financiado através de capital externo. No caso brasileiro — disse — esse desequilíbrio está intimamente relacionado ao déficit no setor público, sendo o excesso de gastos governamentais a principal causa do desajuste interno.